

A senhora Myiagi (...) gravata amarela

Marcos Nunes

A senhora Myiagi tratava de seus afazeres naquela manhã sem demonstrar, através de seus gestos tranqüilos e sua fisionomia impassível, nenhuma lembrança dos fatos da noite anterior, uma cena familiar conflituosa que se estendeu em demasia e foi finalizada com demonstrações de incontível histeria.

Quente a água, mergulhadas as folhas de chá, dispostas as tigelas, a senhora Myiagi chamou o marido, que a atendeu com um olhar oblíquo, desconfiado, mas sem querer expressar em seu rosto nada além do sentimento de enfado usual de toda manhã, a suave rotina da primeira refeição do dia e sua conseqüente ida ao trabalho em uma nova fábrica de transistores, onde trabalhava como operário recém qualificado. A ligeira cicatriz no rosto, herança da guerra recente, era a única marca de uma sisudez máscula, rígida, que contribuía para oferecer alguma distinção e respeito a um cidadão comum, cumpridor de seus deveres e seguidor das boas regras, aliás sem questionar sequer se elas seriam boas ou não, pois bastava-lhe que fossem regras.

Enquanto o homem se postava diante de sua bandeja, a senhora Myiagi dirigiu-se às dependências da filha, mas lentamente, por ainda temer encontrar na jovem algum reflexo dos conflitos da noite anterior. Infelizmente o belo rosto da filha mirava silenciosamente a parede à sua frente; ela estava sentada, vestida com seu roupão matutino, longe de se aprontar para ir à escola, onde finalizava os estudos básicos para ser, proximamente, uma boa administradora de pequenas lojas, ou apenas de um lar, hipótese mais provável.

“Setsuko?”

O olhar vidrado da senhorita Myiagi permanecia preso à parede; seu corpo, inerte, se assemelhava a uma delicada estátua de porcelana.

“Setsuko!” – dessa vez quase gritou a senhora Myiagi, diante da catatonia da filha, que assim prosseguiu, como a observar os movimentos calmos das águas do lago Biwako, não muito longe da casa da família Myiagi, em Kyoto.

Procurando manter a calma, a senhora Myiagi aproximou-se de Setsuko; tocou no rosto da filha, que lhe pareceu quente; passou a mão diante dos olhos dele, que lhe pareceram piscar; sentou-se diante da filha, e um leve ricto nos lábios denunciou que a filha notava na sua presença, embora continuasse a não responder aos seus chamados.

“Senhor Myiagi” – chamou a senhora Myiagi, que nunca olhava para o marido quando se dirigia a ele, e nunca pronunciava o prenome Tokuko, menos por respeito do que por considerá-lo feio, tanto o nome quanto o marido. Este olhou para ela com desinteresse, que só lhe fez um leve gesto com o braço para chamá-lo ao quarto onde Setsuko permanecia imóvel, sentada, mirando a parede, como se encontrasse ali resposta para as juvenis dúvidas de seus dezessete anos.

Sim, algo teria que acontecer depois da cena de ontem, pensou o senhor Myiagi, ou Tokuko. Não queria lembrar, mas, diante da mulher e da única filha, comunicara, sem nenhuma arrogância, aliás como se falasse sobre a temperatura do chá ou textura do macarrão, que dali a dois dias receberiam a visita do senhor Ozu, pai do jovem Ozu, o último destinado ao casamento com Setsuko. O noivo se chama Yasujiro, especificou, na verdade sem nenhuma necessidade; mesmo a informação da visita era prescindível – bastava receber o senhor Ozu e esclarecer a razão da presença dele ali, uma vez que não haveria jantar, apenas seriam bebidos alguns goles de saquê entre as palavras trocadas para o melhor acerto das condições do matrimônio que se avizinhava.

A senhora Myiagi, no entanto, fugiu à regra, ao costume. Declarou, a princípio com tranquilidade, que receberia o senhor Ozu, mas o marido não

poderia acertar com ele o casamento, pois a filha, por esses dias mesmo, se informara sobre um curso superior.

“Surgiram oportunidades para trabalhar na aviação, qual o nome que se dá à profissão, filha? Comissária de bordo? Sim, é isso; então, senhor Myiagi, Setsuko gostaria de tentar esse curso, deixar para adiante o casamento, no mundo de hoje as mulheres são necessárias para outros trabalhos além dos domésticos, não é?”

O senhor Myiagi ouviu o enorme discurso da mulher, que nunca proferia mais que frases curtas, com enorme surpresa. Setsuko ouviu tudo no começo com segurança, mas, diante da sutil abertura das pálpebras do pai, pressentiu algo como um desastre familiar, um terremoto de dez graus na escala Myiagi. Por fim, disse o homem:

“A senhora Myiagi parece não entender, mas eu repito: o senhor Ozu virá para tratar de assuntos relacionados ao casamento do filho dele com nossa filha Setsuko”

“Entendi, senhor Myiagi, mas há precipitação nesses planos. A senhorita Myiagi...”

“...irá se casar com o jovem Ozu”, concluiu o homem.

“Não!” – gritou a senhora Myiagi, assustando pai e filha.

Repentinamente, palavras em borbotões saíram da boca da senhora Myiagi, por prenome Mika; como se não bastasse a expressa de revolta no discurso, os braços, o corpo, os músculos faciais da senhora Myiagi, ou Mika, se movimentavam como se ela estivesse possuída por um ataque epilético, mas Mika não sofria de epilepsia, pelo menos não até aquele momento; ademais, epiléticos falam em meio a seus ataques?

“Senhora Myiagi...” – tentou chamá-la à razão o senhor Myiagi.

“Senhora Myiagi” – mais uma vez.

“Senhora Myiagi!” – última vez; com ligeira irritação, Tokuko se levantou e, quando a esposa se deteve um instante à sua frente, apontando-lhe o dedo e proferindo algo que ele entendeu como um palavrão, desferiu-lhe, enfim, uma bofetada no rosto; ela prosseguiu com os improperios, ele com os tapas, até que ela se calou depois que a filha interveio abraçando-se à mãe, pedindo que ela se calasse, por favor, mãe, fica quieta, mãe, calma, mãe, ao que a mãe terminou por chorar, a solução é chorar, murmurar indecências a respeito do casamento, até que ficou-se, abraçada à filha, ao chão. Tokuko virou as costas à cena e prosseguiu sorvendo com a maior serenidade possível sua refeição, até terminá-la, pegar um exemplar de jornal e se dirigir às suas próprias dependências para ler as notícias, porque temia uma ação sindical contra sua fábrica e vivia sob o espectro de possíveis demissões.

Melhor o silêncio; sim, o silêncio resolverá a questão, pensava o homem, aparentemente com acerto; a senhora Myiagi recolheu do chão cacos de tigelas e xícaras partidas no entrevero, passou as mãos nos negros e lisos e belos cabelos da filha, que lhe devolveu um olhar doce sob a tensão do rosto conturbado.

Uma hora de absoluto silêncio, fora o que colheram após a briga na noite anterior; uma hora, foi o intervalo contado entre o encontro do senhor Myiagi com a filha, ainda paralisada no quarto, mas que, enfim, acedeu aos murmúrios paternos com uma única palavra:

“Sim”

Ao que, lentamente, pôs-se de pé e se preparou para ir à escola, enquanto o pai lamentava pelo atraso que teria que compensar como hora extra não remunerada, talvez ainda hoje, no trabalho; lamento sem uma única palavra, somente um olhar perplexo para a esposa que, como sempre, abaixou a cabeça, ruminando o fim de seu desespero e o recomeço de sua submissão.

Eis que vem o senhor Ozu; as contas se acertam. Da próxima vez virão ele e o filho, Yasujiro, e quem era ele?, não perguntaram, mas puderam saber a mãe e a filha, pois ouviram algumas informações esparsas na conversa entre

os homens, que falavam baixo mas puderam mesmo assim ser ouvidos através das finas paredes de madeira da casa.

O filho de Ozu há pouco terminara seus estudos em Belas-Artes, e empregara-se em um estúdio japonês de cinema. No momento, fazia vários papéis de assistente, mas já tinha prontos projetos para realização de seus próprios filmes.

“O cinema japonês é a expressão da prosperidade do país”, parece que disse o senhor Ozu, ou mesmo o senhor Myiagi.

Setsuko, com isso, interessou-se. Um artista, afinal. Um homem, enfim, lhe disse a mãe. Um homem, e japonês, especificou mais ainda a senhora Myiagi.

Antes da visita de Yasujiro e seu pai, no entanto, Tokuko faria uma visita pessoal ao senhor Ozu, a última, mas não conheceria o noivo de Setsuko, que estava a filmar em Tóquio. Gostara, porém, dos termos do senhor Ozu, de seus gestos comedidos, da palidez de sua pele em total consonância com a clareza de suas ideias, tão afins ao recente progresso do Japão como fiel às tradições mais belas, sim, a beleza das tradições, ruminava o senhor Myiagi, sem saber definir, contudo, o quão belas seriam as tradições, quais seriam elas, e porque.

Dois meses depois receberam, enfim, a visita do jovem Ozu; este, ao lado do pai, não parecia jovem, mas uma criança. Sorridente, jovial, de roupas ocidentais largas, um terno claro com fino riscado azul, camisa cinza com pequenos quadriculados em tons mais escuros, e uma indizível, incontornável, gravata amarela, que usava, sobretudo, para brincar, atirando-a ora para a esquerda, ora para a direita, ora a colocava na posição correta e ficava alisando, o que parecia ressaltar seu brilho incômodo. Seu rosto muito liso devia estar barbeado, Tokuko suspeitava-o carente de pelos; seus olhos vagavam pela residência dos Myiagi, e não revelavam qualquer interesse especial por Setsuko e sua beleza natural que, surpresa diante daquele que lhe parecia um viajante, esperava seu desaparecimento em pleno ar.

“Jovem Ozu?”

“Ah, sim... senhor... Myiagi?” – pronunciou lentamente o nome do pai de Setsuko o jovem, incerto do nome.

“Seu pai nos conta que seu trabalho é promissor”

“Ah, claro, bastante, só não sei se para mim”

“Como assim?”

“Ah, nunca se sabe, entende? Claro, tem todo esse impulso financeiro às artes novas, todo esse projeto de adequação do país à modernidade, quem sabe, sim, acho que conseguirei um financiamento para um projeto meu, quem sabe...”

O cinema japonês oscilava entre as novas formas e as tradições; os temas rurais e urbanos; a história feudal e os novos tempos do pós-guerra; o artesanato e a indústria, enfim, novos tempos, tempos novos!, exclamou Yasujiro, radiante por fazer parte de tudo aquilo, de ter coisas novas a dizer em um mundo ainda a se fazer, a se criar... ah, essa gravata?

“Ah, foi inspirada em um poeta russo, Maiakóvski!”

“Poeta russo? Você lê russo?”

“Ah, de jeito algum, leio em inglês! Li traduções de poemas dele em inglês, li uma biografia, vi uma foto dele com uma irresistível gravata amarela, daí.., achei uma, não igual, mas achei uma, comprei, uso sempre, é uma beleza, não?”

Belas são as tradições, diria o senhor Myiagi, mas não disse, apenas sorriu condescendente. Setsuko que, como a mãe, olhava para os homens de uma certa distância, embora estivessem ambas no mesmo cômodo apertado da pequena residência, sorriu às escâncaras, mas só interiormente, esforçando-se para manter o rosto impassível, sem conseguir, fato aliás

perceptível ao jovem Ozu, que também sorriu para ela quase discretamente mas com satisfação, por descobri-la, enfim, bonita, bem humorada, quase moderna, e era isso que ele sobretudo desejava, uma mulher moderna, mesmo acompanhando o pai àquela cerimônia ridícula, a que ele comparecia com total descompromisso, uma vez que mantinha, sem nenhum segredo em seu meio, relações íntimas com uma atriz.

“O Japão, todos sabemos” – disse o senhor Ozu, quase se desculpando pelo filho – “precisa mudar, se modernizar, porém, nem tanto...”

“Não podemos nunca esquecer que somos japoneses”

“Ah, o senhor pode ter certeza que isso não esqueceremos nunca!” – exclamou mais uma vez Yasujiro - como gosta de exclamações este jovem, quase exclamou Tokuko, mas controlou-se - divertido, provocando um tímido esgar de riso do próprio pai, um amargor na senhora Myiagi, e a hilaridade cada vez contida com mais esforço por Setsuko.

“Tratemos dos assuntos importantes” – retomou o senhor Ozu, senha para que as mulheres comunicassem o afastamento delas do cômodo; elas passaram a acompanhar a reunião do pequeno jardim da casa, enquanto quase que apenas fingiam cuidar das poucas plantas ali cultivadas.

Ao se despedirem, todos se curvaram diante de todos; os homens falaram mais alto, as mulheres mais baixo; Yasujiro acenou com a mão, ocidentalmente e, de maneira distraída, tocou com as pontas dos dedos da mão direita o queixo de Setsuko, sentindo a suavidade da carne e a maciez da pele dessa delicada parte do rosto da jovem, que enrubesceu e não pôde disfarçar isso.

“O jovem Ozu” – disse o senhor Myiagi.

“Sim, senhor Myiagi?” – estendeu a senhora Myiagi para que o marido continuasse.

“O jovem Ozu. Este jovem Ozu” – suspendeu a locução brevemente o senhor Myiagi – “Talvez ele não sirva mesmo para nossa filha”

“Talvez o senhor Myiagi deva reconsiderar”

“Não sei se posso. Muito já foi acertado. Acho que me precipitei. Confiei da descrição do filho pelo próprio pai. Ele não é o que ele me contou”

“Não?” – perguntou a senhora Myiagi, quase radiante.

“Não. Se vê. Se vê claramente”

Hoje o senhor Myiagi não trabalha; hoje a senhorita Myiagi estaria, neste momento, em um curso de verão, para adestramento das jovens japonesas nos velhos costumes, mas hoje Setsuko, à revelia dos pais, não de si mesma, foi à casa dos Ozus, ficando a mirá-la de longe, às vezes se aproximando, querendo sentir ali a presença de Yasujiro; ele, ela não sabia, voltara à Tóquio, sem saber se perseveraria naquele antiquado plano de casamento, ou se aventuraria naquele audacioso plano de casamento, um e outro com a mesma jovem, Setsuko.

O senhor Myiagi não vê nada de errado com a família Ozu, uma referência em Kyoto, uma segurança para sua filha, uma distinção para si mesmo – poderia dizer, com orgulho, tive apenas uma filha, mas ele se casou com um Ozu. O rapaz, como se diz, é meio tresloucado, mas assim são os jovens de hoje, talvez tivessem sido os jovens de ontem (como aqueles que, como ele, foram à guerra como se os sonhos imperiais fossem os sonhos da nação e da própria juventude). Mas o que o senhor Myiagi não suporta (sem exclamar) é aquela maldita gravata amarela.

Marcos (Augusto Almeida) **Nunes** é brasileiro, carioca, autor de 4 romances, 1 livro de contos e 2 livros de poesia, também publicou conto avulso no volume Contos do Rio, e ensaio em revista da Faculdade de Letras de Lisboa.